



MEDICINA



POPULAR



INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

**Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore desenvolvido
pelo Departamento de Apoio a Projetos de Preservação Cultural**

Medicina Popular

Pesquisa realizada pela Divisão de Folclore em 1979

Coordenação

Alvarina Jannotti Nogueira

Pesquisa digitalizada em agosto de 2005

Coordenação

Augusto Vargas

Projeto gráfico

Augusto Vargas

Felipe Brayner

Marilda Campos

Revisão do texto

Marilda Campos

Ilustrações

Adilson Figueiredo

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rosinha Garotinho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Arnaldo Niskier

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - INEPAC

Marcus Monteiro

DEPARTAMENTO DE APOIO A PROJETOS DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Augusto Vargas

DIVISÃO DE FOLCLORE

Delzimar Coutinho

2005

MEDICINA POPULAR

Apresentação

A medicina popular, proveniente dos tempos da antigüidade, é prática viva e generalizada até os nossos dias. Não se restringe à zona rural ou às comunidades de poder aquisitivo menos privilegiado.

É amplo o seu uso também nas regiões urbanas e adjacências. Sua prática abrange formas materiais, onde as plantas com poder curativo consagrado estão presentes, e formas espirituais, nas quais se evoca o sobrenatural, quase sempre através de ritos propiciadores da cura que a ciência não explica.

Campo amplo para pesquisas, merece a medicina popular estudo científico mais aprofundado, de vez que a nossa flora é de uma riqueza invejável.

As práticas espirituais de cura, por seu lado, ocorrem em larga escala, em qualquer ponto do nosso território. Ressalte-se a busca pelo homem de curas através de religiões das mais variadas procedências, incluindo atualmente as de origem oriental que estão encontrando forte acolhida em nosso meio, todas usando forças espirituais e associando, às vezes, suas práticas às formas materiais através de chás, incensos, poções e outras.

Os agentes da medicina popular - o benzedor ou rezador, o raizeiro, o curandeiro, além das donas de casa que usam plantas nativas ou cultivadas em seus quintais, carecem quase sempre do respeito institucional mas, em contrapartida, gozam de prestígio no seio das populações onde, procurados, atuam receitando mezinhas, benzendo, rezando.

A carência de maiores recursos e mesmo a fé popular no poder de cura das plantas caseiras medicinais fazem com que estes recursos sejam usados em substituição às dispendiosas formulas quimioterápicas.

Empiricamente, a medicina popular tem aberto caminhos largos e contribuído para o desenvolvimento da ciência médica.

Neste ligeiro levantamento de dados sobre a **Medicina Popular no Estado do Rio de Janeiro** foram relacionadas, aproximadamente, duzentas e cinquenta plantas comumente usadas para a cura das mais diversas doenças entre a população fluminense.



Introdução

O homem desde seu aparecimento na terra sentiu-se frágil diante das forças da natureza. Muito ligado aos fenômenos que se davam em seu habitat, amedrontado e prostrado, procurou, a exemplo dos animais, desenvolver seus naturais e necessários meios de defesa.

A crença de que o mundo se regia por bons e maus espíritos impulsionou-o a se preservar dos maus e tirar benefícios dos bons. Medicina e religião sempre estiveram ligadas desde os primórdios da humanidade através dos rituais de invocação do sobrenatural. Para curar suas doenças recorriam à ação de feiticeiros que lhes indicavam o caminho mais acertado para se livrarem das enfermidades e conjurarem os maus espíritos. Buscava-se a proteção em amuletos, talismãs, orações, tatuagens e outras crenças que chegaram até nós.

A Medicina e os Astros

Sob a influência da magia havia, e há ainda hoje, a convicção de que os astros influem no aparecimento de doenças com características naturais de periodicidade como a menstruação, as febres sazonais, também sobre o parto e outros acontecimentos.

Na Babilônia a crença na influência dos astros, das estações e das épocas sobre a vida humana era muito vulgarizada. Até hoje a astrologia, os horóscopos e outras crenças relacionadas aos astros têm grande aceitação em toda a humanidade. Proliferam nos nossos meios de comunicação as sessões sobre temas astrológicos. Segundo Eduardo Campos, "Bergen Evans informava, em 1946, da existência de 25.000 astrólogos profissionais na América do Norte". (Eduardo Campos; 1955: 13).

Muitas superstições sobrevivem, ligadas a estas crenças: "*A mulher grávida não deve olhar para um eclipse, sob pena de lhe nascer o filho negro ou com defeito físico*"; "*A lua, quando cheia, tem influência sobre a menstruação*"; "*Apontar uma estrela faz nascer verruga*".

A lua é uma das referências populares determinantes do tempo certo de arrancar e aplicar as ervas medicinais para uso terapêutico. Em Paraíba do Sul, recentemente, um informante afirmou: "*A lua mexe com o corpo; a lua nova é forte, brava, amarga para qualquer remédio de ervas e raízes; as luas cheia, crescente e minguante são luas fracas e melhores para aplicação dos remédios caseiros*". Os ensinamentos sobre os astros, transmitidos pelo Lunário Perpétuo - calendário em que o

tempo é computado por luas - são respeitados pelo sertanejo. Desta obra se destaca: *"Diz, pois, Plínio, no livro XXIII que todas as coisas que se cortam ou tosquam, para que conservem muito tempo, se devem cortar, colher ou tosquiar em lua cheia ou minguante, porque a madeira que se corta em lua crescente, logo lhe dá o caruncho, se for árvore que perde a folha"*. Baseados nestes princípios, passados pela tradição oral, muitas pessoas adotam um período lunar para o corte do cabelo, de madeiras e de outras plantas.

Início da Farmacopéia



Tendo inicialmente usado todos os meios mágicos para se curar, preservar-se e salvar-se, o homem passou, na Idade Média, a acrescentar à magia toda uma farmacopéia que indicava, entre outras substâncias, secreções, chifres, dentes, unhas, testículos, espermatozoides, órgãos de animais para cura de certas doenças. No Egito, o famoso *Papiro Ebers* indicava receitas com poderes miraculosos para enfermos e desesperados, baseadas também em órgãos, secreções, banha, excremento, sangue de animais, como o crocodilo, o hipopótamo. Hoje, ainda são usados. Venceram o tempo. Como exemplo, um processo de cura ainda usado no Islã manda guardar um pedaço do cordão umbilical dos recém-nascidos que, seco e pulverizado, serve para preparar um colírio contra oftalmias e tracomas, freqüentes no Saara. Entre os cearenses do interior, usa-se, para crianças que nascem com olhos purulentos, colocar em infusão em água um "coto do umbigo" (cordão umbilical), instilando-se o líquido como colírio.

A literatura sobre medicina popular evidencia as muitas coincidências de práticas de medicina empírica usadas por povos diversos em épocas distantes, costumes esses vigentes entre nós .

Medicina Popular no Brasil

A prática de uma medicina caseira no Brasil sempre foi exercida pelos leigos que usavam seus conhecimentos empíricos para curar. Baseados em informações obtidas por transmissão oral e em almanaques e compêndios que chegavam às suas mãos, iam praticando livremente suas curas.



Fonte de ensinamentos sobre medicina popular foi o velho Chernoviz, compêndio organizado por Pedro Luís Napoleão Chernoviz, que viveu no Brasil na primeira metade do século XIX, resultante de seus estudos sobre a flora brasileira adicionados a resultado de pesquisas de naturalistas que por aqui trabalharam. Os ensinamentos de Chernoviz, utilizados à época por qualquer pessoa alfabetizada, eram transmitidas oralmente aos populares e especialmente aos sertanejos, passando depois à ciência. O compêndio abordava os seguintes itens: *formas dos medicamentos, formulários, classificação dos medicamentos, águas medicinais, memorial terapêutico*. Os barbeiros praticavam a flebotomia (sangria), ventosas e outros procedimentos que tudo curavam. Os indígenas também curavam pela sangria. Escarificavam o tórax, utilizando nos pontos inflamados a ponta aguçada do bico do gavião, do tucano ou ainda, do ferrão de arraia, como prática flebotômica.

Em face de tratamentos dessa natureza, as pessoas passaram a tomar a iniciativa de aprender, com os mais experimentados, mezinhas e orações que servissem à cura de seus males sem se submeterem a tais sofrimentos. Muitos séculos se passaram para que os barbeiros e os boticários que os seguiram fossem substituídos por médicos. Em certas regiões e localidades o curandeiro permanece como herança dessa época costumando ser mais acreditado que o médico. Em 1899, clinicavam em todo o Brasil apenas doze médicos formados. O homem brasileiro, sem o recurso da medicina que lhe proporcionaria um tratamento científico, foi se orientando pelo que aprendeu num processo vagaroso e natural que acompanhou sua evolução social. Recebeu conselhos e informações sobre práticas de magia primitiva, crendices, simpatias, superstições, e ainda, o uso de ervas medicinais, excreções e outros elementos minerais e animais, passando a aceitá-las. O homem do campo encontrou ervas medicinais na observação do comportamento dos animais, como no caso do teiú que, mordido por cobra, corre instintivamente para o mato em busca da "batata cabeça-de-negro"- *Caput Nigri, Cucurbitaceae*, que é antídoto do veneno.

Experimentando raízes, folhas de ervas, sementes, flores e frutos de arbustos, cascas de árvores etc, foram descobrindo e usando nas mezinhas com elas preparadas para a cura de suas doenças .

Os meios usados pelo homem para a cura de seus males são de caráter distinto: **concreto** - medicina material, quando a terapia é feita através de produtos vegetais, animais e minerais; **espiritual** - quando a terapia se dá através de crenças, crendices, uso de passes, de incenso, fumo, defumador, amuletos, talismãs e outros meios. Considera-se, também, medicina espiritual, a transformação de partes



animais em amuletos, costume tradicionalmente adotado pelos indígenas, presente até os nossos dias por parcela considerável da sociedade brasileira.

Na medicina popular brasileira evidenciam-se três influências óbvias: dos ameríndios, dos portugueses e dos negros, formando um complexo evidenciado nos catimbós e umbandas. A medicina vegetal é de origem ameríndia; a animal é, principalmente, legado africano. As tradições religiosas contribuíram para a formação de um complexo de credências que acompanham até hoje o povo, confundindo fetichismo e animismo de negro e do índio com os santos cristãos (amuletos, talismãs religiosos, bentinhos, patuás, figas - estes símbolos de força e vigor contra o mal e fálico primitivo). "É bom ter uma figa cruzada em casa para afastar o mau-olhado".

A medicina positiva dos indígenas quanto à zooterapia, resumia-se à aplicação de banhas - de onça, para destruir vermes das úlceras malignas; de jacaré, veado, anta, capivara, galinha e de outros animais com outras finalidades de cura. Para os bororós (Mato Grosso), os remédios são quase todos vegetais, usando mais as raízes, sem desprezar, entretanto, as folhas e as cascas que, para eles, têm virtudes especiais. Usam as folhas maceradas e aquecidas, e as raízes carbonizadas.

Afirma o padre Fra Mueller: "Das 470 espécies medicinais relacionadas no seu sistema *Matéria e Vegetabilis Brasiliensis*, Von Matius aponta mais de 100 que eram empregadas pelos indígenas. Da sabedoria indígena, os vegetais foram passando ao conhecimento popular e à farmácia convencional " MUELLER, Franz, S.V.D. *O Vegetal como Alimento e Medicina do Índio*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano VII, vol.86, São Paulo).

Doenças mais Comuns Tratadas pela Medicina Caseira

Figuram entre os males mais comuns tratados pelos entendidos: asma, caxumba, cobreiro, coceira, erisipela, impingem, dores de dente, de barriga (cólicas), espinhela caída, entorses, feridas, febres, fermentos, males do fígado, da garganta, dos olhos, do ouvido, mal de sete dias, maleita, papeira, ramo (estupor, doenças do ar, paralisias causadas por acidente vascular),



reumatismo, males dos rins, sarna, sezão, sífilis, tuberculose, unheiro, verminose, volvo (nó nas tripas), vento (doença de criança motivada por sustos ou movimentos bruscos e que recebe popularmente, ainda, várias denominações: vento-virado, bucho-virado ou cambuirê, vento de rim cujo sintoma, segundo um informante, é um pé maior do que o outro.

Observam-se, ainda, outras designações populares correspondentes a certas doenças que aparecem comumente:

- **Dor na região ilíaca, quadris** = “dor de viado”, “dor na passarinha”;
- **Dor no peito** = “espinhela caída”;
- **Problemas do sangue** = “assanhamento”, fraqueza no sangue”;
- **Febre** = “**morrinha no corpo**”;
- **Definhamento**, magreza = “mau-olhado”;
- **Sezão** = “maleita”;
- **Erisipela** = “esipra”, “zipra”; e muitos outros.

Agentes de Cura na Medicina Popular

É uma evidência o que apregoa o ditado popular: “De médico e louco, cada um tem um pouco”. Raras são as pessoas que, ao se mencionar certa doença, não citam o nome de um remédio caseiro, um chá adequado ou uma prática salvadora. Quase todos conhecem as virtudes das plantas medicinais e, especialmente as pessoas mais antigas, as indicam para tratamento sob as mais variadas formas de preparo e aplicação.

Dentre a enorme gama de conhecedores do tratamento caseiro, três agentes se destacam pelo saber e experiência no campo das terapias através das plantas, de produtos animais e minerais em menor escala ou de práticas outras ligadas a credices, superstições e rituais de inspiração religiosa de origens diversas. Estes agentes merecem uma referência mais profunda, dada a sua presença em todo o território fluminense, como acontece em todo o Brasil, sendo sua atividade permanente nas comunidades que, se em parte a consideram marginal, de outra feita lhe proporcionam grande prestígio e influência junto aos seus clientes. Alguns destes agentes fazem desta atividade profissão e outros atendem esporadicamente. Trata-se das figuras do *Curandeiro*, do *Rezador* ou *Benzedor* e do *Raizeiro*.

Curandeiro

Entre os agentes de cura, ocupa lugar proeminente o curandeiro que, após experiência como benzedor ou rezador, sobe em importância, passando a considerar-se ligado ao sobrenatural. É confundido com o rezador e, enquanto este atende a chamados dos clientes em seus domicílios, o curandeiro, dada a sua "alta hierarquia", passa a atender apenas em sua própria casa. Aí, o ambiente preparado, impressiona o doente, pois, mantém sempre santos sobre uma mesa ou nas paredes, velas acesas, rosários, azeites, águas em copo ou em garrafas, ervas que servem para as garrafadas ou para benzeduras. Adota, às vezes, até indumentária especial semelhante às das cerimônias religiosas. Usa o fumo e suas baforadas provocam o transe. O rapé também é usado como um componente de herança indígena.

O curandeiro benze também, mas julga-se acima do benzedor, porque este foi um primeiro estágio por que passou anteriormente. O doente faz a consulta e, descoberto o seu mal pelo curandeiro, este profere orações, "rezas fortes", benzimentos, transmite seus conselhos e tabus a serem observados. Passa a receitar remédios, garrafadas, patuás que ele mesmo prepara e dos quais guarda sempre segredo, seguindo-se as recomendações de dietas e resguardos. Cobram o remédio vendido e não a consulta, mas, sabe-se que no local há sempre, aos pés de uma imagem ou quadro de santo à vista do cliente, um prato ou bandeja já com algumas cédulas sugestivas para receberem as ofertas dos consulentes.

Os curandeiros, apesar de discriminados socialmente e, às vezes perseguidos por algumas autoridades, são bastante procurados pela população mais carente e até por pessoas de nível médio e alto, em casos de desespero, em busca de cura para seus males físicos e espirituais. Entre os muitos males que curam estão a mordida de cobra, bicheira de animal, espinhela caída. Receitam banhos de descarrego para mau-olhado ou influências negativas, como exemplifica o recolhido em Cabo Frio: "banho de descarrego aplicado dos ombros para baixo (não pode atingir a cabeça) e com resguardo de vento; compõe-se das plantas: guiné piu-piu, guiné grupitaia e um pedaço de espada de São Jorge, um bocado de fumo torcido e sal grosso". Da guiné grupitaia são feitas as figas de guiné que, segundo crença popular, afastam o mau-olhado.

Os curandeiros, além de trabalharem para o bem, sabem trabalhar para o mal, para prejudicar, quando solicitados.

Raizeiro

Entre os agentes de cura, o raizeiro é aquele que lida especificamente com ervas medicinais, sabendo como prepará-las e usá-las para curar doenças diversas. Sua característica é ser bastante curioso da farmacopéia e achar que os remédios do mato, naturais, são mais substanciosos do que os dos médicos. Sentado atrás do balcão em sua loja de ervas, ou atrás de sua toalha cheia de plantas nas cabeceiras das feiras, atende a sua clientela vendendo-lhe a erva a ser usada e orientando-a no preparo do remédio. Prefere vender as ervas, evitando prepará-las, ao que parece, para livrar-se de responsabilidade no caso de um mau sucesso no seu emprego. Entretanto, quando solicitado, prepara garrafadas para diversos males, à base de ervas, vinho, cachaça ou água e outras modalidades de remédios .

De toda a variedade de prática de prevenção e cura de doenças, destaca-se o uso de ervas medicinais - designação generalizada dada aos produtos vegetais, incluindo folhas, raízes, frutos, cascas e a própria madeira. Os remédios são preparados e administrados sob diversas formas: **chá ou infusão**, de preparação rápida e muito difundida; **xarope ou lambedor**, cozimento da planta com açúcar até se obter uma consistência viscosa; **garrafada**, de preparação mais complexa que merecerá tópico especial; **banhos**, para males físicos, e outros de descarrego que curam males causados por feitiço, mau-olhado, encosto, etc; **emplastro ou cataplasma**, a aplicação da erva preparada sobre a área doente do corpo, diretamente ou dentro de um pano, às vezes quente e outras, fria, sinapismos, de preparação e aplicação idênticas aos emplastos, adicionando-se pimentas, mostardas ou outros elementos para queimar de verdade. Algumas ervas são utilizadas isoladamente, tem efeito por si sós e são denominadas independentes. Podem, também, ser combinadas com outras, neste caso denominando-se conjunto, como afirma informante de Paraíba do Sul.

As ervas medicinais são encontradas no comércio, em casas especializadas (farmácias da flora, lojas de artigos de umbanda), nas cabeceiras das feiras livres em toda a zona urbana, suburbana e rural e, ainda, em mãos de raizeiros tradicionalmente conhecidos. As plantas são localizadas e colhidas no mato, nas pedras e nos quintais domésticos nativas ou cultivadas - como o saião, funcho, hortelã e outras.

Curioso é o trabalho feito por um raizeiros de Paraíba do Sul, que costuma construir dentro de garrafas vazias, cruzeiros em miniatura, de uma única espécie de madeira apropriada, para, em seguida enchê-la de água, vinho ou cachaça; alega ter o mesmo efeito curativo das demais garrafadas.



Rezador

Também chamado benzedor, o rezador, homem ou mulher, cura ou afasta os males através de rezas proferidas ritualmente, às vezes associadas a simpatias. Segundo Alceu Maynard Araújo, os rezadores ou benzedores são os que mais divulgam as simpatias.

Enquanto recita a prece, o rezador faz gestos, sinais, cruzes, aspersões, exorcismos, tocando ou não o corpo do doente quando próximo deste; pode rezar também à distância, sem ver o enfermo.

Muito respeitados e procurados popularmente, os rezadores, às vezes, adaptam preces religiosas a seu modo, invertendo sua ordem, acrescentando-lhes novas palavras e usando invocações que ficaram na memória popular. O rezador cura vários males físicos e os ligados ao sentimento; evitam desgraças, acidentes, mordeduras de animais peçonhentos e aplicam a reza aos mais variados fins. Há, também, os que sabem rezar os animais, especialmente o gado “até pelo rastro” (quando a rês desaparece pelo campo), para curar-lhes doenças do pêlo, bicheiras e outros males.



Rezas que curam

Muito divulgadas são as práticas de curar cobreiro através de rezas. Numa delas, fala-se: *“Deixa cobreiro, fulano (nome do doente) livre. Assim quer o Senhor. Eu te benzo, eu te curo, com a vontade de Deus, amém”*. Outro procedimento para o mesmo fim: *“Escreve-se em volta do cobreiro com tinta, em letras bem definidas, uma Ave-Maria ou um Pai-Nosso, que o cobreiro não ultrapassará os limites da inscrição, desaparecendo depois de alguns dias”*. Outra forma de rezar o cobreiro: *“passa-se um ramo de vassourinha ao redor do cobreiro, rezando em seguida uma Ave-Maria, em contrição. Assinala-se, a seguir, a parte afetada com várias cruzes e esconde-se a vassourinha em lugar de difícil acesso sem que pessoa nenhuma nela toque. Em três dias, o enfermo ficará totalmente curado”*. Ainda outra reza, em versos, é recitada enquanto se traçam cruzes com um galhinho de arruda sobre a região doente:

***“Eu te corto, cobra, cobrão, sapo, sapão,
aranha, aranhão, lagarto, lagartão
e todo bicho de má nação,
para que não cresça, nem apareça,
não dobre o rabo com a cabeça.*”**

***Santa Iria tinha três filhas:
uma se assava, outra se cozia
e outra pela água ia.
Pedi a Nossa Senhora que lhe soprasse
(sopra 3 vezes)
que lhe cuspiisse
(cospe 3 vezes)
que sararia."***

Um grupo de Folia de Reis de Duque de Caxias invoca São Benedito em longa prece que tem o seguinte fecho: "*Quem usar esta oração e rezar com viva fé ao menos uma vez por semana será mordido por cão danado; se for a guerra, não morrerá e nem será vencido; não se afogará e nem morrerá queimado; sua casa estará em paz; tudo lhe irá bem; sua mulher terá alívio nas dores maternais; os invejosos, os maus olhos, os maus intencionados e os que usam malefícios e feitiçarias não lhe farão mal algum. Pai-Nosso, Ave-Maria."*

Santa Luzia, protetora dos que tem problemas de visão, é invocada para tirar argueiro (cisco) dos olhos da seguinte maneira: enquanto são feitos movimentos circulares na pálpebra com a ponta de um dedo, repete-se três vezes.

***"Santa Luzia
Passou por aqui
Com seu cavalinho
Comendo capim.
Dei-lhe pão,
Disse que não .
Dei-lhe vinho,
Disse que sim."***

Muitas rezas existem para a cura do mau-olhado, crença milenar e universal baseada nos poderes e maus efeitos causados aos semelhantes por pessoas de olhares irritados, fixos, popularmente conhecidos como "seca-pimenteira". Além das rezas, as pessoas se curam e se defendem deste mal usando figas de guiné, galhos de arruda atrás da orelha e outros tantos meios fartamente apregoados.

Há um banho para evitar o aborto, preparado com arruda e deixado no sereno toda a noite. É aplicado enquanto se queima um defumador e se profere uma reza contra mau-olhado.

O quebrante ou quebranto, segundo crença popular, é ocasionado por mau-olhado. O quebrante seria a prostração, o enfraquecimento resultante de força exterior maléfica.

Através de rezas é curado também o mal conhecido como vento-virado, bucho-virado ou cambuirê, que ataca as crianças, “motivado por sustos ou movimentos bruscos”.

Garrafada

Preparada sob receita de curandeiros e raizeiros, consiste na mistura de elementos vegetais, animais e minerais, com poder curativo, tendo como veículo água, vinho ou cachaça. As plantas são usadas em maior proporção que os elementos minerais e animais, sendo aproveitados seus frutos, folhas, cascas, raízes e flores, verdes ou secos. No preparo da garrafada à base de água, esta é fervida com as ervas; quando preparada com a cachaça, toda a composição fica algum tempo em infusão; no vinho, também é posta em infusão, havendo os que deixam a composição enterrada na lama, por alguns dias, por considerarem a temperatura mais adequada.

As fórmulas adotadas são passadas de pais para filhos. Estes recebem não só a herança do saber como o encargo de prosseguir nestas práticas, o que não impede que as fórmulas sejam simplificadas ou inovadas. A indicação de ervas apropriadas para a cura de certas doenças é feita também através de receitas ditadas por guias e orixás de terreiros de umbanda. Nestes casos, o médium incorporado dita a receita e o cambono, seu auxiliar, é quem a escreve.

No preparo das garrafadas a manipulação dos materiais obedece rigorosamente aos ditames de quem receita e é geralmente, acompanhada de simpatia.

Há especialistas no preparo de garrafadas para pessoas e para animais. As destinadas aos animais aplicam-se, na sua maioria, à cura do pêlo, mas há receitas, também, para outras doenças.

São inúmeras as variedades de ervas medicinais utilizáveis nas garrafadas, em composições de duas, três, até dezenove espécies diferentes e de outros complementos. Para os males do fígado, um exemplo de garrafada proveniente de Paraíba do Sul: “goiabada ralada, romã, cravo, canela, erva-doce, broto de embaúba, agrião roxo, carrapicho, óleo vermelho, quina-cruzeiro, salsaparilha, jurubeba, cana-de-macaco” . Outra, destinada a depurativo do sangue: “ quina-rosa, quina-cruzeiro e salsaparrilha”. Para tratamento de epilepsia, é conhecida a fórmula de garrafa para banho, originária de Nova Iguaçu: “raiz de mandacaru (planta proveniente do nordeste e encomendada na feira nordestina de São Cristóvão), urtiga branca e coroa de frade (cacto), cozidas juntas, em água. Dá-se o banho no paciente vestido, durante as crises”. No tratamento de fígado, vesícula e

rins, emprega-se a garrafada em que entram vinte ervas: jenipapo (folhas e resina), folhas de gervão-roxo, de boldo, de laranjeira da terra, de abacateiro, de cana do brejo, chá-cravo, chá-porrete, picão (toda a planta), cascas do mulungu, do para-tudo, do pau-ferro, do angico, do pau-pereira, da catuaba rosa, da imburana branca, da quina-roxa, da aroeira e a entrecasca da pitombeira. Para fraqueza (do homem ou da mulher), para "limpar o sangue" e para o aparelho digestivo, um raizeiro do Rio de Janeiro sugeriu a seguinte garrafada: "catuaba, carqueja, jurubeba, salsaparrilha, quina-roxa, cipó-cruzeiro ou cravo". Do mesmo, a garrafada para curar inflamação de ovário e útero; "casca de agoniada, rosa branca, flor de beijo branco, perpétua e todos os ingredientes da garrafada anterior, menos a catuaba; para mulheres que não conseguem engravidar, acrescenta-se à receita a raiz da cantária".

De Cabo Frio, obteve-se a seguinte fórmula para os males dos rins e doenças venéreas: "folhas e talos de jindirama, jupirana, erva-capitão, encontradas na restinga (no brejo e na várzea)".

Há os raizeiros que fornecem as ervas e preparam a garrafada. Já outros preferem semente vender as ervas para que o interessado as manipule.

Preparadores de garrafadas dizem atender até a pedidos de médicos e de autoridades.

Simpatias

Os rezadores ou benzedores são os grandes ensinadores de simpatias, segundo Alceu Maynard Araújo (Medicina Rústica, 157). Elas são muito conhecidas e divulgadas popularmente.

No Estado do Rio de Janeiro, pesquisa realizada através de escolares e professores do 1º Grau em diversos municípios, demonstrou, entre outras, as recomendações das seguintes práticas para evitar ou curar males através de simpatias:

Angina

- Mata-se uma lagartixa, levando-a ao fogo numa panela com água até ferver. Serve-se dela, ainda quente, em repetidas porções. Dentro de 3 (três) dias a pessoa está curada.
- Passa-se sangue de galinha preta no pescoço.

Asma

- Leva-se ao fogo uma orelha de gato, de preferência a esquerda, fazendo um chá para o paciente beber, aliviando completamente a asma.

- Pega-se uma colher de excremento de uma vaca, apanhado ainda quente, no momento da dejeção e faz-se chá para beber.
- Faz-se chá de pêlos de gato, principalmente aqueles do focinho.
- Manda-se o paciente cuspir na boca de um peixe vivo e em seguida joga-se o peixe na água.
- Prepara-se uma beberagem com moela de galinha recém-morta e coloca-se no peito irritado, que passa o ataque.
- Cozinha-se carne de gato-mourisco com o mesmo fim.
- Bebe-se sangue de gato preto, 3 (três) vezes em uma sexta-feira 13.
- Assa-se o testículo de porco e sorve-se sem sal, o que alivia não só o puxamento mas também o mal.
- Do cabelo que se tira da cauda de um jumento em que se medem 4(quatro) dedos é preparado o chá que acalma o puxado mais rebelde.

O enfermo, no entanto, para que o remédio dê o resultado esperado, não deve saber de sua procedência.

- Preparam-se um chá de cebola branca com beladona. O paciente, enquanto estiver bebendo, deve pensar nos sofrimentos da Virgem Maria.
- Usam-se também, numa sexta-feira, bater 3 (três) ovos, despejando seu conteúdo numa vasilha e misturando em seguida com 1/4 de uma garrafa de aguardente. Fecha bem a garrafa e enterra-a em um local que não chova. Na outra sexta, fazer a coação do líquido dando ao paciente todos os dias 3(três) doses (meia colher de sopa) misturada ligeiramente com água açucarada.
- Evitar dormir com gato, pois estes trazem asma.

Azia

- Toma-se água de barro, fervida.

Barriga d'água

- Come-se carne de lagarto verde assado.

Barriga crescida

• Acredita-se que a barriga pode diminuir se, ao levantar pela manhã e sem falar com ninguém e em jejum, bater com a barriga na porta 3 (três) vezes seguidas e falar: ***“Bom dia comadre porta! Tome a minha barriga e dê-me a sua de volta.”***

Deve-se tomar em seguida 3 (três) goles d'água e comer só depois de meia hora. Recomenda, e começar a simpatia no primeiro

dia da lua minguante, repetindo durante os 7 dias desta lua. Convém, ainda, para maior eficácia, fazer esta simpatia durante 7 (sete) luas minguantes.

Bronquite

- Mata-se uma barata, colocar num saco e amarrado no pescoço do paciente para curar.
- Faz-se chá com "saco" de porco e minhoca torrada.
- Corta-se as unhas no portal da casa durante a quaresma.
- Fura-se um buraco no caule do mamão e, pela manhã e ainda em jejum, cospe-se 3 (três) vezes no buraco. Depois tampa-se o buraco com o pedaço que foi retirado do caule.

Catarata

- Mastiga-se 3 (três) sementes de amendoim antes de levantar da cama depositando a saliva em um algodão e depois colocando nos olhos.

Caxumba

- Diz-se 3 (três) vezes o seguinte numa barrica de madeira: ***"Cachumba. cachumba cachinguelê, que cachumba não é nada"***. Cada vez que disser, bater a barriga na barrica.

Cólicas intestinais

- Baratas torradas servem para cólicas intestinais de crianças quando delas se faz chá.

Dor de barriga

- Faz-se uma cruz sobre ela com o sarro que se obtém do cachimbo.

Dor de cabeça

- Lava-se a cabeça com água de quinaquina.
- Recortam-se duas rodelas de papel, unta-se em azeite doce e fixa-se na testa.
- Amarra-se fortemente folha de pinhão manso quente na testa.
- Aplica-se pó de café untado com manteiga na testa.
- Coloca-se 2 (duas) fatias de batata inglesa na testa.
- Apanha-se uma folha emprestada ao pé de capeba e enrolado na cabeça, na hora da dor. A dor passará para a planta. Logo depois deve ser devolvida ao pé."

Dor de dente

- A dor passa se for tocada por um fragmento do maracá de cascavel.
- Substitui-se o tabaco do cachimbo por raspa de cedro seco, o que alivia a dor rapidamente.
- Aplica-se dente de jacaré raspado para curar.

Dor nos olhos

- Recolhe-se um pouco de urina de um menino e leva-se, ainda quente, aos olhos.
- Usa-se excremento de veado, misturado com coalhada, que deve ser tomada uma vez e antes de dizer "bom dia" a alguém que esteja sem jejum.

Dor de ouvido

- Pingam-se 3 (três) gotas de urina de cabra no ouvido afetado.
- Usa-se barata torrada em pasta, colocada no ouvido.
- Coloca-se chocalho de cascavel pendurado no pescoço.

Enjôo

- A mulher grávida deverá pular 3 (três) vezes sobre o marido, quando ele estiver dormindo, com cuidado para ele não acordar. A azia e o enjôo passarão para ele.

Enurese

- Faz-se "pipi" dentro de uma casca de ovo e enterra-se numa casa de formiga.

Epilepsia

- Usa-se, queimar a roupa que a pessoa traja ao sofrer o primeiro ataque epilético para acabar com o mal.

Febre

- Amarra-se um dente de alho no dedo que faz abaixar a febre.

Feridas

- Pinto, depois de pelado e aberto ao meio, coloca-se em cima da ferida.
- Aplica-se por algum tempo no local sapo aberto ao meio.
- Coloca-se moeda antiga de ouro ou de prata sobre a ferida.
- Retira-se da queixada de um cavalo, um osso que deve ser polvilhado; mistura-se à porção do pó que se obtém a uma claro de ovo

do qual o enfermo bebeu a gema. Deve ser essa massa aplicada 3 (três) vezes sobre a ferida.

Ferimentos

- Estanca-se o sangue, colocando cinza de fogão misturada com pelo de gato.
- Trata-se ferimento de prego no pé pegando o prego, enfiando em sebo de boi que assim não deixará o pé inflamado e logo ficara curado.

Frieira

- Lava-se os pés em água que lavou os pés de uma galinha.

Infecções de garganta

• Usa-se partir um sapo, ainda vivo, ao meio e aplicá-lo no pescoço do enfermo por alguns instantes. Deve-se largar o sapo no chão depois do tratamento. Quando cessarem seus movimentos de agonia, o paciente estará curado.

Íngua

• Usa-se a seguinte prática: a pessoa que vai fazer a simpatia segura um facão e pergunta ao doente **“O que corto?”** e o doente: - **“Íngua”**. A pessoa **“Íngua eu corto”** (batendo com o facão no portão que de para o quintal). Faz-se isto durante 3 (três) sextas-feiras para a íngua sumir.

Insônia

- Coloca-se 3 (três) galhos de arruda embaixo do travesseiro para a criança dormir sossegada.
- Usa-se encher o travesseiro com pêlo de coelho.
- Coloca-se 3 (três) folhas de alface na fronha do travesseiro.



Gagueira

- Toma-se água de chuva para curar gagueira.

Gravidez

- Descobre-se o sexo do feto pegando duas almofadas e colocando em baixo de um garfo e outra uma colher.

Icterícia

• Cura-se com chá preparado com as duas pernas dianteiras de grilo preto. Após a fervura deixar por meia hora esfriando.

- Manda-se a criança urinar sobre o pé de vassourinhas até que a planta morra. Quando a vassourinha queimar pela ação da urina, é sinal que o menino ficará sarado em 3 (três) dias.

Impingem

- Aconselha-se o doente de impingem no rosto a pedir que um menino urine em sua mão, passando depois no local.
- Fica-se 3 (três) dias sem falar com ninguém pela manhã e depois, passar-se saliva em volta da impingem.

Mau-olhado

- Coloca-se arruda atrás da orelha para curar mau-olhado.
- Coloca-se um copo d'água atrás da porta para evitar mau-olhado.

Memória fraca

- Fica com a memória fraca quem comer casca de queijo.

Meningite

- Pendura-se ao pescoço um saquinho de pano com um pedaço de cânfora e metade de uma noz moscada.

Moleira funda

- Aconselha-se que a mãe pegue um pinto recém-nascido e soque-o num pilão como se estivesse fazendo paçoca. Deve ser usado como emplastro na parte anterior do crânio.

Mordida de marimbondo

- Costuma-se colocar no local urina humana.

Náusea

- Amarra-se um pouco de sal na barra do vestido.

Picada de cobra

- Recomenda-se, para livrar o enfermo do veneno da cobra, uma pessoa sã cuspir na boca do enfermo.

Ronco

- Costuma-se fazer o seguinte para acabar com o ronco noturno: pega-se 3(três) folhas de laranja e três galhos de arruda e coloca-se na fronha do travesseiro do roncador. Depois de três dias as retira e as queima, jogando as cinzas em água corrente.

Sarampo

- Usa-se passar tinta vermelha em volta dos olhos e um colar também vermelho em volta do pescoço, para evitar que o sarampo ataque os olhos e a garganta da criança.
- Usa-se cobertor vermelho quando uma pessoa esta com sarampo.
- Coloca-se um pano ou papel vermelho na lâmpada do quarto.

Soluço

- Usa-se pôr pedaço de papel na testa.
- Toma-se três goles d'água com o nariz tampado.
- Coloca-se algodão molhado na testa do bebê que o soluço passa.
- Cura-se soluço de adulto, dando-lhe um grande susto.

Suor da mão

- Passa-se as mãos na parede de uma igreja para curar.

Terçol

- Esfrega-se a aliança na mão e coloca-se em cima do local
- Entra-se em um açougue cujo açougueiro seja viúvo passando a mão cruzada sobre os olhos:



*“Viúva viuvinha
das bandas do além
casa com ele
que é pro teu bem.
O terçol poderá passar para o açougueiro.”*

- Aplica-se urina de bebê com, no máximo, 3 (três) meses.
- Enfia-se o dedo num buraco da parede e em seguida coloca-se o dedo no terçol .
- Costuma-se dizer:

*“Terçol sai daqui
vai pra casa da imbaúba
da imbaúba vai pra cada da viúva.”*

Tumor

- Amassar três baratas até virar papa e colocar no local do tumor.

Umbigo

- Umbigo inflamado, coloca-se no local pó de tijolo vermelho. Atira-se o umbigo nas ondas do mar para que o bebê seja feliz.

Verruga

- Joga-se três pedras de sal no fogo e corre-se para não ouvir o estalido que ela cairá.
- Corta-se o chuchu ao meio e diz-se três vezes com cada parte do chuchu: **“Chuchu, chuchu, tira essa verruga e põe em tu”**. Depois fecha-se o chuchu e planta-se em um buraco bem fundo; com o tempo ela desaparecerá .
- Esfrega-se sete milhos na verruga e guarda-se. Quando encontrar um cavalo, dá-se para ele comer sem ficar olhando.

Vômito

- Segura-se uma chave com firmeza.

Algumas Plantas Medicinais Usadas no Estado do Rio de Janeiro

Entre as inúmeras plantas medicinais existentes no território fluminense, utilizadas por considerável parcela da população, foram registradas as que se seguem, ordenadas pelo nome da planta - popular e científico, parte utilizada, modo de preparo e indicação terapêutica, segundo usuários e informantes:

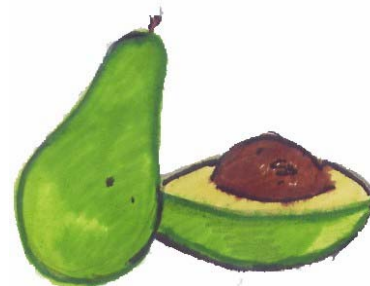
Abacate

Laurus Persea, Lineu; folha – chá: fígado, rins, calmante pressão alta, hepatite (para este caso misturada a folhas de picão-roxo); dor de barriga.

- junto com angico, boldo, cajueiro, cana-do-brejo, catuaba, chá-porrete, gervão-roxo, imburana, jenipapo, laranjeira da terra, mulungu, para-tudo, pau-ferro, pau-pereira, picão, pitombeira, quina-rosa; - folhas e cascas – garrafada: fígado, vesícula e rins .

- junto com boldo, chá-porrete, erva-tostão, fedegoso, gervão-roxo, jenipapo, laranja da terra, losna, mulungu, parietária, pariparoba, picão-da-praia, quina-roxa, vassourinha-de-botão; folhas – chá: fígado.

- isolado ou junto com berduenga, cana-do brejo, carambola, chá-porrete, cravo-de-bode, erva-de-Santa-María, picão-da-praia (toda), quebra-pedra, tapueraba branca; folhas - chá -males renais.



Abóbora

Curcubita Pepo, Lineu; flor - sumo ou compressa aquecida infecção do ouvido; aquecida no azeite e espremida - instilação no ouvido.

Abóbora danta

Trianos perma Trilobata, Cogniaux; fruto (recortado e cozido em água) - banho e massagem local: reumatismo; chá (seguido de repouso e evitando sereno e chuva): úlcera estomacal.

Abobrinha do mato

Sinônimo de abóbora danta; folhas e flores – chá: infecções uterinas, desarranjos menstruais, amenorréia.

Abutua

Chondondrendon Platyphyllum, Miers ; casca e caule – chá: pressão alta.

Agoniada

Plumeria Lancifoliata, Muell; casca, junto com flor de beijo branco, perpétua, rosa branca, carqueja, casca de catuaba, quina-rosa, salsa-parrilha; acrescentar raiz de cantária se quiser engravidar; - garrafada: inflamação do útero e do ovário. Casca: chá - para males do estômago.

Agrião

Sisymbrium Nasturtium, Lineu; toda a" planta - chá (cozido no leite de cabra, junto com capim-açu e saião): úlcera estomacal; chá ou xarope: afecções bronco-pulmonares.

Agrião-roxo

Junto com cana-de-macaco, canela, carrapicho, cravo, erva-doce, jurubeba, óleo-vermelho, queima-cruzeiro, romã, salsaparilha, umbauba (broto) – garrafada: males do fígado.

Alecrim

Rosmarinus Officinalis, Lineu; folhas – chá: preventivo de aborto, calmante, coração e pressão alta; banho: infecções dentária .

Alcanforeira

Cinanomum Camphora, T. Nees e Eberm; folhas - emplastro ou aplicação do sumo: machucados.

Alevante

_____; Chá: resfriado, bronquite.

Alfavaca

Occinum Canum, Simson; folhas - chá ou xarope: gripe, rouquidão, inflamação da garganta, tosse; dor de barriga.

Algodão

Gossypium Herbaceum, Lineu; flor – linimento (frita-se no azeite): dor de ouvido; sumo: dor de ouvido;

- casca – chá: gogo de galinha;
- raiz - emplastro (batida e cozida em água): - panarício;
- folha junto com sementes - chá (ingerido), seguido de banho do mesmo preparado, do busto para baixo, enquanto durar o trabalho do parto: gestantes e parto;
- semente - garrafada no vinho branco - ingestão e banho: depurativo do sangue;
- folha (cozida em água) isoladamente ou com erva de bicho e mentrasto – banho: ferida externa.

Alho

Allium Sativum, Lineu; raiz ("dente") triturada e colocada em querosene - ingestão (3 goles) e banho local; emplastro (socado) para mordida de cobras; chá: empregado como regulador da menstruação.

- semente - garrafada no vinho branco - ingestão e banho - depurativo do sangue;
- folha (cozida em água) isoladamente ou com erva de bicho e mentrasto - banho - ferida externa.

Alpiste

Phalaris Canariensis, Lineu; semente – chá: coração, pressão alta.

Amor-do-campo

Desmodium Axillare, Do Candolle. Também conhecida como amor-de-boi, amor-de-burro, baba-de-boi, carrapicho, pico-de-amor, rabo-de-burro; chá – banho ou ingestão: doenças renais ou ginecológicas.

Amor-de-boi

Ver amor-do-campo.

Amor-de-burro

Ver amor-do-campo.

Amor-agarradinho

Auligonom Leptopus, Hook. et Arn; chá para banho: doenças venéreas.

Angico

Piptadenia Colubrina, Benth; Ver abacateiro.

Animi

_____; folhas – chá ou xarope: asma

Aperta-ruão

Piper Adundum, Vellozo; folhas – banho ou chá: feridas.

Araçá-de-boi

Psidium Araçá, Raddi; raiz – chá –vesícula; preparado isoladamente ou com funcho (toda a planta) e pata-de-vaca (folhas).

Arnica-do-campo

Chinolaena Latifolia, Bak; folhas – chás e banhos: contusões, dores no corpo, nos músculos e torcicolos.

Aroeira

Schinus Molle, Lineu; folhas – chá: erisipela. Ver abacate.

Arroz

Oryza Sativa, Lineu; água de banho: acne (espinha).

Arruda

Ruta Graveolens, Lineu; folha (mergulhada em água) – banho local: dor nos olhos.

Assa-peixe

Boehmeria Caudata, Sw; folhas – chá, sumo e xarope: doenças pulmonares. Pode ser anexada a erva-passarinho.

Baba-de-boi

Ver amor-do-campo.

Botão-de-ouro

_____; flor e folha – banho: dor de dente.

Cabelo-de-negro

Erythroxylum Campestre, St. Hil; banho: ferimentos.

Cainca

Chiococca Brachriata, Ruiz e Pav; casca do caule – banho: inchação.

Caju

Anacardium Occidentale. Lineu; castanha (torrada, em pó. misturada a qualquer óleo) – emplastro: feridas.

- folhas e resina juntamente com folhas de jenipapo, de gervão-roxo, de boldo, de laranjeira da terra, de abacateiro, de cana-do-brejo, de chá-cravo, de chá-porrete, picão (toda a planta), cascas do mulungu, do para-tudo, do pau-ferro, do angico, do pau-pereira da catuaba rosa, da imburana branca, da quina-rosa, da arueira e a entre-casca da pitombeira – garrafada: vesícula e rins. Ver abacateiro.



Camomila

Matricaria Chamomilla, Lineu; folha e flor (puras ou com cinco folhas de jequeri e da vassourinha) – chá: estômago, intestino, inapetência, calmante, icterícia, baço. Também chamada marcela. Ver marcelinha.

Cana-do-brejo - (lágrima-de-Nossa Senhora)

Costus Spicatus. Swartz; suco chá e infusão: cistite e infecção renal. Ver abacateiro .

Cana-de-macaco

Costus Spicatus, Swartz; Ver agrião-roxo.

Canela

Cinnamomum Zeylanicum, Nees; folhas e caule (casca) – chá: dor de cabeça, regulador do fluxo menstrual e dor. Ver agrião-roxo.

Caninha-do-brejo

Ver cana-do-brejo.

Caepba

Pipper Rohru; D.C.; folha – chá: depurativo do sangue.

Capim-açu

Cyrtopogon Alperrunium; folha - chá (cozido no leite de cabra, com agrião ro saião): úlcera estomacal.

Capim pé-de-galinha

Seleneria Gallinacea; folha – banho: - inflamação de dente.

Carambola

Averrhoa Carambola, Lineu; folha – chá: diabetes, anemias e pressão alta; fruto – ingestão: anemia.

Carobinha

Jacaranda oxyphyla, Cham; folha - infusão - chá e banho: depurativo do sangue e dos intestinos.

Carqueja

Baccharis Triptera, Martius; folha e raiz - chá e infusão: febre, males do estômago, caxumba, gripe, reumatismo, cólica de fígado, diabetes, enxaqueca, garganta (gargarejo), queda de cabelo, males da pele, inflamações em geral;

- Garrafada (junto com catuaba, cipó-cruzeiro ou cravo, jurubeba, quina-roxa, saisaparrilha: para fraqueza sexual do homem e da mulher e para intestinos. Ver agoniada.

Canema (coerana)

Castrum Parqui, L'Herit; folha nova - banho de assento: prolapso retal, doenças do ânus em geral, diarréias.

Carrapicho

Desmodium Diureticum; folha – chá: rins e doenças venéreas. Ver agrião-roxo.

Casca danta ou cáscara sagrada

Drymis nenteri, Forst; casca - pó misturado à água: cólicas de fígado.

Catainha (cataia, erva de bicho)

Polygonum Hydropiper, Lineu; folha e talo – chá: dor de barriga.

Catuaba

Erythroxylon Catuaba, Martius; casca - infusão em vinho para garrafada: esgotamento nervoso, afrodisíaco. Ver abacateiro, carqueja e agoniada.

Cautaria (cataia)

Ver agoniada.

Cedro

Cedrella Braziliensis, De Candolle; madeira - chá para banho: hérnia escrotal (deve ser usado moderadamente).

Chá-porrete

Erythraea Centaurium, Pers ; folha - garrafada (com outros elementos): fígado, vesícula e rins. Ver abacateiro .

Chá-preto

Thea Chinensis, Simson; folha – banho: olhos.

Chagas

Tropaeolum Commune, Lineu; - folhas e raiz – chá: cólicas e diarreias.

Chapéu-de-couro

Echinodorus Macrophyllus, Kunt; folhas - infusão, chá e banho: furúnculos, depurativo do sangue, moléstias da pele, rins, reumatismo. Pode ser adicionado Sapé - *Anetherum Bicornis, Pal. Beauv.*

Chuchu

Sechium Edule, Lineu; broto – chá: pressão alta e doenças do coração.

Cinco-folhas

Tecoma Leucantha, Freire Alemão; banhos: doenças da pele (erupções, alergias e pruridos), vesícula e baço. Ver camomila.

Cipó-cabeludo

Mikania Hirsutissima, De Candolle; folha – chá: rins.

Cipó-chumbo

Cuscuta Umbellata, Lineu; folha – chá: rins; xarope e infusão: coqueluche, tosse.

Cipó-cruzeiro

Chiococa Recemosa, Martius; toda a planta - garrafada (com outros elementos): fraqueza do homem e da mulher, depurativo do sangue, males do aparelho digestivo. Ver agoniada e carqueja.

Cipó-imbé

Philodendrum Imbé, Martius; raiz – chá para banho: hérnia escrotal (uso moderado); chá – ingestão: úlcera estomacal.

Cipó-milhomens

Aristolochia Cymbifera, Martius; - cipó e folhas – banho: reumatismo e "mau-olhado".

Coco-macaíba (catarro)

Acrocomia Sclerocarpa, M.; polpa (cozida na água e batida no liquidificador): úlcera estomacal.

Colônia

_____ ; flor – chá: coração.

Copaíba

Copaifera Officinalis, Lineu; - óleo extraído do tronco do copaibeiro - ingestão (uma gota no café fervendo pela manhã e à noite, antes de dormir): fortificante e restaurador dos ossos.

Cordão-de-frade

Leonotis Nepethoefoia, Benth; folha - chá e sumo: dor de barriga.

Coroa-de-frade - (cacto)

Ver mandacaru.

Costela-de-adão

_____ ; raiz – banho: hérnia escrotal (uso moderado).

Couve

Brassica Oleracea, Lineu; talo novo: supositório para criança recém-nascida, prisão de ventre.

Cravo-da-Índia

Caryophyllus Aromaticus, Lineu; Ver agrião roxo.

Cravo-de-defunto

Tagetes Glauduléfera, Schrank; - flores – chá: expectorante; banho: furunculose.

Cururu

Echites Cururu, Martius; casca – banho: inflamação dentária.

Dormideira

Papaver Somniferum, Lineu; folha – banho: alergias e inflamação dentária.

Elevante

_____; folhas – chá: resfriado, bronquite.

Erva-capitão

Hydrocotyle Umbellata, Lineu; folha e talo (junto a jindirama e jupirana) – garrafada: males renais e doenças venéreas; chá: resfriado e bronquite.

Erva-cidreira

Melissa Officinalis, Lineu; - folha – chá: calmante, diurético, antigripal, cólicas menstruais, dores de cabeça, doenças do coração; queimada com açúcar e poejo e laranja da terra: expectorante.

Erva-colégio

Ver erva-grossa.

Erva-de-bicho

Polygonum Hydropiper, Lineu; toda a planta – banho: sarna e outros males da pele, hemorróidas; para ferida externa, ver algodão.

Erva-de-passarinho

Struthantus Flexicaulis, Martius; folha - chá para banho: ferimentos; sumo: tuberculose, pneumonia. Ver assa-peixe.

Erva-de-Santa Maria - (mastruz, mastruço ou mentruz)

Chenopodium Ambrosioides, Lineu; - chá e xarope: vias respiratórias, bronquites, asma, catarros crônicos do pulmão, gastrite, males renais. Ver abacateiro. Vermífugo é o seu maior uso.

Erva-de-São João

Ageratum Conysoides, *Lineu*; - folha - chá com canela e limão: resfriado, gripe, tosse; tônico, em geral.

Erva-doce

Pimpinella Anisum - *Trad. Kuhimann*; sementes e galhos – chá: calmante, regulador da pressão arterial, dores intestinais, dispnéia. Ver agrião-roxo.

Erva-grossa -(erva-colégio)

Elephantopus Tomentosus , *Martius*; folha e raiz - chá, sumo ou xarope (com flor de malmequer): gripe, bronquite, pneumonia, catarro.

Erva-moura

Solanum Nigrum, *Lineu*; folha e fruto – infusão: fígado; chá: estômago.

Erva-pombinho - Ver quebra-pedra.

Erva-querosene ou barbasco

Budieya Brasiliensis, *Jacquin* - Ver barbasco.

Erva-Santa Luzia - (erva de cobra ou erva andorinha)

Mikania Opifera, *Martius*; folha - infusão para banho: inflamação nos olhos; chá: dor de barriga e vermes.

Erva-Santana

Kuhnia Arguta, *Humb e Bonap*; folha - emplastro quente: ínguas.

Erva-tostão ou erva fedegão

Boehaiia Hirsuta, *Martius*; raiz e folha – chá: males do fígado. Ver abacateiro.

Espada-de-São Jorge

Fam. Agavaceae, *Gen. Sansevieria*; - folha – chá: reumatismo.



Eucalipto

Eucalyptus Globulus ,*Labill*; - folha – chá: bronquite; infusão: reumatismo; casca – chá: febres.

Fedegoso

Cássia Occidentalis, Lineu; Ver abacateiro.

Fragaia

Fam. Rosaceae; folha – infusão: males dos rins; chá para banho: icterícia; chá para ingestão: intestino e estômago.

Fumo

Nicotina Tabacum, Lineu; folha - banho e emplastro: ferimentos e torções.

Funcho

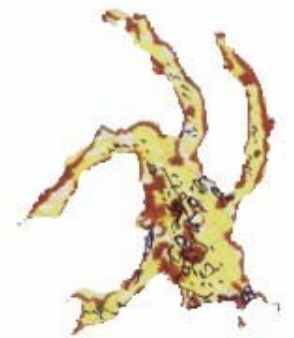
Anethum Foeniculum, Lineu; galhos – chá: cólicas flatulentas, dispebias, vômitos e diarréias; raiz: diurético. Para vesícula. Ver araquá-de-boi.

Gengibre

Singiber Officinalís, Roscoe; raiz – xarope: tosse e gripe.

Gervão-roxo

Verbena Jamaicensis, Lineu; folha, in natura, dor de dente; infusão em vinho : anemia; chá: inflamação do fígado, gripe e doenças renais. Ver abacateiro.



Girassol

Heliantus Annus, Lineu; flores e folhas – emplastro: contusões, machucados, feridas, esfoladuras; chá: hemorragia nasal, resfriados, dores do estômago.

Goiaba

Psidium Pommiferum, Lineu; folhas – chá: dores intestinais e diarréia.

Gramma barbante

Triticum Repens, Lineu; raiz – chá: estimulante do apetite.



Grama-miúda

Ophiopogon Japonicus, Ker. Ganv; - a grama fervida junto a Sete Sangria (*Cumphea Ingrata*) e Marcela (*Achyrocline Satureoides*): dores intestinais. Ver marcela.

Guaco

Mikania Cordifolia, Willenow; folha – chá: tosse - pode-se adicionar uma colher de álcool e de suco de limão; xarope (deixar pegar o sereno da noite): coqueluche e tosse.

Guandu-

Cajanus Flavus, De Candolle; - folha - chá para bochech: dor e inflamação de dente.



Guiné piu-piu - (erva guiné eu pipi)

Ptiveria Alliaceae, Lineu; - raiz e folha – banho: reumatismo, paralisia, doença dos olhos folha – chá para ingestão: reumatismo; em infusão no álcool: fricção para reumatismo.

Hortelã

Mentha Piperita, Lineu; folha e caules:

- chá (com açúcar ou no leite, em jejum): verminose;
- infusão - calmante e controlador da pressão alta;
- emplastro (folhas secas, embebidas em azeite doce): feridas e torções.

Imburana

Bursera Leptopheos, Engl; madeira. Ver abacateira.

Ipê-roxo

Tecoma Curialis, Freire Alemão; madeira (tiras finas) chá: males do fígado e vesícula.

Jabuticaba

Myrthus Jaboticaba, Vellozo; fruto (casca) – chá: diarreia.

Jenipapo

Genipa Americana, Lineu; Ver abacateiro.

Jequeri (jequirioba)

Solanum Oleraceum, Vellozo; folha – chá: baço. Ver camomila.

Jequitibá-rosa

Courataris Legalis, Mart; chá (com lascas de madeira) para banho local, ainda quente: inflamação do ovário.

Jiló

Solanum Jiló, Radi; fruto – chá: emagrecimento.

Jindirama

_____ ; Ver erva-capitão.

Joá, juá ou sapo de juá

Zizyphus Joazeiro, Martius; fruto – chá: dor de barriga; cataplasma: furúnculo.

João Barandi

Ottonia Anisum, Spreng; raiz - chá para bochecho: dor de dente.

Jupirana

_____ ; Ver erva-capitão.

Jurubeba

Solanum Paniculatum, Lineu; fruto - infusão em vinho: enxaqueca, fígado. Para tuberculose, ingestão da fruta natural ou cozida, durante uns seis meses, em jejum. Ver agrião-roxo, carqueja e agoniada.

Lágrimas de Nossa Senhora

Coix Lacrima, Almeida Pinto; folha e fruto – banho: inchações. Ver cana-do-brejo.

Laranjeira-da-terra

Citrus Vulgaris, Risso. Ver abacateiro.

Lima

Citrus Bergamita, Risso; folha – banho: caspa; fruto – suco: males renais.

Limão

Citrus Limonum, Risso; folha (com guaco)

- chá ou xarope: tosse;
- fruto (casca) - sumo - fricção no couro cabeludo: caspa;
-
- suco (com sal): frieira.



Língua-de-vaca

Chaptalia Nutaus, Hensl; folha (passada no azeite doce) – cataplasma: tumores e espinhas.

Losna

Atemisia Absinthium, Lineu; folha – chá: dores de cabeça, estômago, fígado e intestino; infusão: tonteira, vômito e para emagrecimento. Ver abacateiro.

Louro

Laurus Nobilis, Lineu; - folha – chá: fígado, estômago e cólicas menstruais.

Macaé

Leonorus Sibiricus, Lineu; folha – chá: dor de barriga, diarreia; sumo com sal: congestão, estômago; infusão: intoxicação; raiz – chá: males do intestino e tonteira.

Macaíba (coco catarro)

Acronomia Sclerocarpa, Martius; fruto (polpa) cozida, batida no liqüidificador e misturado no leite: úlcera do estômago.

Madeira do mato

_____; casca - infusão no vinho: dor de barriga, inapetência, males do sangue.

Malmequer

Calendula Officinalis, Lineu; folha e flor - chá ou xarope: gripe e bronquite.

Malva

Althaea Officinalis, Lineu; folha - chá, banho, infusão: infecções dentárias; emplastro: unheiro.

Mamão

Carica Puriformis, Hook; folha – chá: gastrite, tosse, gripe, males pulmonares .

Mamona

Rícinus Communis, Lineu; talo (esquentado no fogo) – fricção: frieira.

Manacá

Franciscea Uniflora, Vellozo; raiz (3 gramas): antídoto contra mordedura de cobra. "Faz-se com apenas três gramas da raiz, pois a mesma em maiores proporções é considerada veneno mortal.

Mandacaru

Cereus Peruvianus, Mill; tronco (cactus) junto com urtiga branca e coroa de frade - garrafada – banho: epilepsia.

Mangueira

Mangifera indica Lineu; folha – chá: doenças renais e reumatismo; infusão no álcool: massagem para torções; banho: infecção dentária.

Manjerição

Ocimum Minimum, Lineu; folha – chá: coração; frito no azeite (instilação): dor no ouvido.

Manjerona

Origanum Manjerona, Lineu; folha – xarope: tosse.

Mantrusto ou mentrusto (erva-de-São João)

Ageratum Conysoides. Lineu; toda a planta - xarope quente: tosse.

Maracujá

Passiflora Edulis, Lins; folha e futo - chá e suc: sonífero, calmante e diurético; coração (folha).

Maravilha

Mirabuis Jalappa, Lineu; folha – cataplasma: tumores e inflamações.

Marcela

Achirocline Satureiídes; chá (com grama miúda e sete-sangrias): cólicas intestinais.

Marcelinha (marcela-da-terra)

Grangea Prostrata, Martius; folha - chá ou infusão: diarreias, desidratação, vômitos e febre. Ver camomila e grama-miúda.

Mariço ou marissol

Sisyrrinchium Galaxioides, Mart.; folha – chá: diarreia e febre.

Melão de São Caetano

Mormodia Charantea, Lineu; folha, raiz e fruto – banho: febre infantil e reumatismo; folha (um punhado), com folhas de eucalipto macho e duas pedras de cânfora em um litro de álcool, deixando em infusão por oito dias para fricção nas partes atingidas pela reumatismo.

Mentrasto (erva de São João)

Ageratum Conysoides, Lineu; toda a planta – chá: tônico geral - diarreias , disenterias , cólicas de gases, reumatismo agudo; usado também para ferida externa. Ver algodão.

Melissa

_____ ; Ver Erva-Cidreira; também chamado Melíssia.

Milho branco

Zéa Mays, Lineu; cabelo – chá: dores renais, icterícia.

Milhomens (cipó)

Aristolochia Cymbifera, Martius; toda a planta – chá: tifo; banho: reumatismo e para ferida externa. Ver algodão.

Mulungu

Erythrina Mulungu, Martius; folha – chá: fígado. Ver abacateiro.

Óleo-vermelho

Myrospermum Erythroxilum, Freire Alemão; Ver agrião-roxo.

Olha-de-figó

_____ ; chá: fígado.

Orelha de moleque

_____ ; folha – chá: regulador da menstruação; sumo: dores e inflamação no ouvido.

Palma (Duas Barras)

_____ ; chá: coração.



Para-tudo

_____ ; Ver abacateiro.

Pariparoba

Pipper Umbellatum - Piperaceae; folha – chá: fígado. Ver abacateiro.

Parietária

Parietaria Officinalis, Lineu; - toda a planta – chá: fígado - Ver abacateiro.

Pata-de-vaca

Bauhima Forficata, L.K.; folha – chá: diabete; para vesícula. Ver araçá-de-boi.

Pau d'arco (Ipê)

Tecoma Curialis, Freire Al; casca – chá: fígado e vesícula.

Pau-ferro

Diallium Ferrum, Vahlenberg; Ver abacateiro.

Pau-pereira

Geissospermum Vellozi, Freire Alemão; casca – chá: diabetes. Ver abacateiro.

Perpétua

Gomphrena Globosa, Lineu; Ver agoniada.

Picão

Bidens Pilosa, Lineu; conhecida como picão da praia, picão preto e fel da terra - toda a planta - chá (ingestão ou banho): hepatite, icterícia, febres , corrimento vaginal, azia, crise renal, inchações. Ver abacateiro.

Pico-de-amor

_____ ; Ver amor-do-campo.

Pimenta malagueta

Capsicum Brasilianum, Cluss.; folha - emplastro (esquentar no óleo ou banha de porco): furúnculos.

Pinhão roxo e branco

Araucária Brasiliensis, Richard; fruto - chá para bochecho: dor de dente.

Pitangueira

Stenocalx Michellii, Berg; folha – chá: dores reumáticas, febres.

Pitombeira

Sapindus Esculentus, Saint-Hilair; Ver abacateiro.

Poejo ou puejo

Mentha Pulegium, Lineu; folha - chá ou xarope: tosse gripe, bronquite, expectorante especial para recém-nascidos; infusão - para o sapinho das crianças (limpeza local).

Quebra-pedra ou erva-pombinha

Phyllanthus Corcovadensis, Mueller; toda a planta – chá: doenças renais. Ver abacateiro.

Queima-cruzeiro

Ver agrião-roxo.

Quiabo

Hibiscus Esculentus, Lineu; folha (misturada a maravilha e clara de ovo) – emplastro: furúnculos.

Quina-cruzeiro

Ver salsaparrilha.

Quina-rosa

Chinchona Succiruba; e agoniada.

Quina-roxa

Ver carqueja.

Rabo-de-burro

Ver amor-do-campo.

Rabo-de-raposa

Aionea Brasiliensis Meisson; folha –sumo: fricção no couro cabeludo para queda de cabelo

Rebenta-pedra

Ver quebra-pedra.

Romã

Punica Granatum, Lineu; raiz – chá: Solitária; - garrafada; fruto e folha – chá: dor de garganta, de dente, aftas, inflamação de ovário . Ver agrião-roxo.

Rosa branca

Rosa Alba, Lineu; flor – chá: sarampo, intestinos, aparelho genital feminino, "sapinho" sendo neste caso adoçado com mel, calmante, limpeza de pele e inflamação dos olhos. Ver garrafada e agoniada.

Sabugueiro

Sambucus Nigra, Lineu; raiz e folha – chá: sarampo.

Saião

Kalancho Brasiliensis, Camb.; folha (cozida no leite de cabra com agrião e capim-açu): úlcera estomacal; xarope, chá, sumo: gripe, tosse, pulmão; sumo (em jejum): pneumonia e úlcera estomacal; emplastro (folhas socadas: - contusões e torções.

Salsa

Potroselium Sativum, Lineu; raiz – chá: dentição e para pressão alta; raiz-e folha – infusão: problemas renais.

Salsaparrilha

Smilax Officinalis, Kunth; raiz - chá: depurativo do sangue, pressão alta; raiz e folha – infusão: problemas renais.

- Garrafada (junto com quina-cruzeiro e quina-rosa)- depurativo do sangue. Ver agrião-roxo, carqueja e agoniada.

Salva

Salvia Officinalis, Lineu; folha – chá: dor no estômago, palpitação do coração.

Salvinha

H.ptis Recurvata, Pohl; chá para banho nos olhos: contra infecção.

Samambaia

Pteridium Aquilinum. Polypodiaceae; toda a planta – banho: inchações.

Santa Maria (mastruço)

Lepidium Bonariense, Lineu; folha - sumo ingerido em jejum, puro ou dissolvido em água ou leite: vermes; aplicado diretamente para machucados.

Sapé

Anetherun. Bicornis, Pal. Beauv; raiz (adicionada à folha de chapéu-de-couro) - infusão, chá e banho: furúnculos, depurativo do sangue, moléstias da pele, reumatismo.

Sapo-de-juá

Ver Joá.

Segurelha

Ver Alfavaca.

Sete-sangrias

Cuphea Ingrata, Chamisso; raiz – chá: epurativo do sangue. Ver grama-miúda.

Sucupira

Bowdichea Major, Martius; raiz - infusão no álcool: reumatismo.

Tajuba

_____; leite: pingar no dente que dói. (o dente quebra-se junto à gengiva, não doendo mais)

Tançagem, trançais ou trançagem

Plantago Major, Lineu; folha – banho: inflamação de dente, de barriga e de ovário; chá - gargarejo- amigdalite.

Tapueraba-branca

Tradescantia Diuretica. Martius; folha - banho (com o chá): aparelho digestivo, males renais . Ver abacateiro.

Trapueraba

Ver tapueraba.

Trombeta-roxa

Daura Arborea, Lineu; Flor e folha (aquecidas no azeite): dor no ouvido (instilar no ouvido e colocar algodão).

Umbaúba

Cecropia Peltata, Vellozo. Ver agrião-roxo.

Unha-de-vaca

Bauhinia Forficata, Linck; folha - chá - ingestão ou banho: coceiras e feridas.

Urtiga

Larnium Album, Lineu; folha – banho: frieira, ferida.

Urtiga branca

Ver mandacaru.

Urucum

Lixa Orellana, Lineu; semente – chá: coração.

Uva-do-mato

_____ ; raiz (colhida na lua minguante) – chá: infecção renal.

Uva-cavalo (uva branca maior)

_____ ; raiz – chá: diabetes.

Vassourinha

Scoparia Dulcis, Lineu; ramos – chá: baço. Ver camomila, abacateiro.

Velame

Penax Quinquefolium. Albuquerque; folha – banho: ferida externa.

Violeta

Viola Odorata, Lineu; folha – chá: coração.

Chás Compostos

Muitos remédios são preparados com uma combinação de várias plantas. Assim, os chás compostos recolhidos que curam vários males:

- icterícia - folhas de pata-de-vaca, camomila e cabelo de milho.

- fígado - folhas de gervão-roxo, boldo, abacate, jenipapo, mulungu, laranja da terra, chá-porrete, pariparoba, fedegoso, quina-rosa; toda a planta do picão da praia, vassourinha de botão, losna, parietária e a raiz da erva-tostão, esta considerada a mais forte.
- rins - folhas do abacateiro, caramboleira, tapueraba branca, quebra-pedra, chá-porrete, cravo-de-bode, cana-do-brejo, erva de Santa Maria, berduenga e picão da praia (toda a planta).
- vesícula - raiz de araçá-de-boi, folhas de pata-de-vaca e de cinco-tolhas e funcho (toda a planta).

O Uso de Produtos Minerais e Animais

Com menor frequência são utilizados na medicina caseira produtos minerais e animais, como complemento na composição de remédios ou aplicados isoladamente. Foram recolhidas as seguintes indicações:

- **ameaça de aborto** - esquentar meia garrafa de vinho "rose" e embeber o miolo de um pão dormido nesse vinho. Enrolar a papa formada em um pedaço de pano, colocando-o sobre a barriga da paciente até que se esfrie.
- **berne** - amarrar toucinho de porco sobre o local. O berne passará para o toucinho.
- **bronquite asmática** - torrar, socar um pedaço de couro de jacaré até virar pó e misturá-lo às refeições; torrar, socar um casal de cavalos-marinhos até virarem pó; ingeri-lo ou misturá-lo nos alimentos às refeições; retirar a moela da galinha, sacudi-la bem e, sem lavar, torrará-la e transformá-la em pó, misturando-o às refeições sem que o paciente saiba.
- **cortes** - colocar teia de aranha picomá misturada ao açúcar, cinza do pano queimado (para coagulação).
- **desmaios** - cheirar vinagre.
- **dor de dente** - torrar uma barata na chapa quente do fogão, reduzindo-a a pó; acrescentar algumas gotas de azeite, espremer num algodão e pingar no ouvido do lado do rosto em que estiver o dente doendo.
- **dor nos olhos** - colocar nos olhos o ovo da galinha, logo após a postura; banhar com água e sal.
- **dor no ouvido** - pingar leite morno dentro do ouvido da criança.
- **estrepada** - esquentar a pele de porco com sal e colocar sobre o local; idem com limão e sal.
- **feridas no corpo** - aplicar óleo, carne ou toucinho de capivara.

- **furúnculo** - emplastro de pó de carvão vegetal com óleo de mamona ou de copaíba (amarrar um pano sobre o emplastro); emplastro de castanha de caju torrado e ralada, misturada a qualquer óleo; emplastro de quiabo, clara de ovo e maravilha; emplastro de barata cascuda, triturada e colocada em um pano sobre o furúnculo.

- **mordida de cobra** - aplicar o fígado ou os intestinos do animal ou as fezes da vítima sobre o local que o veneno sairá.

- **peladeira** - massagear com gema de ovo ou banha de galinha ou de pato.

- **queimadura** - colocar nata de leite e cobrir com broto de bananeira; idem, mel de abelha.

- **torções** - compressa de vinagre e sal.

- **unheiro** - banho quente de água e sal; imersão do dedo doente num ovo que acabou de ser cozido (quente).

- **vermelhidão nos olhos** - banho com água filtrada e açúcar.

Bibliografia

AMORIM, José Pimentel de. *Idéias de um Curandeiro*. Boletim Alagoano de Folclore, maio, 1955.

_____. *Medicina Ppopular em Alagoa.*, Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, 1959.

ANDRADE, Mário de. *Namoros com a Medicina*. Martins Editora e Instituto Nacional do Livro. São Paulo, 1972.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Alguns Ritos Mágicos. Alusões, Feitiçaria e Medicina Popular*. Revista do Arquivo Municipal, 1958.

_____. *Medicina Rústica*. 3ª edição, São Paulo: Editora Nacional, 1979.

BALBACHAS, Alfonsas: *As Plantas que Curam*. São Paulo, 1962.

BEZERRA, Nizomar Falcão. *Algumas Plantas Medicinais Nativas e Cultivadas na Região de Mossoró*. Escola Superior de Agricultura, ESAM, 1977, 90 p. Coleção Cadernos da Caatinga, 3.

BRAGA, Alberto Vieira *Medicina Popular e Cautelas, Superstições*. 1925.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *A Medicina Teológica e as Benzeduras. Suas Raízes na História e sua Persistência no Folclore*. São Paulo, 1958.

CAMARGO, Maria Thereza L. de Arruda. *Medicina Popular*. Rio de Janeiro. CDFB, 1976, Cadernos de Folclore, 8.

_____. *Verdades Terapêuticas da Medicina Popular* RBF, 14 (41) maio/agosto, 1976.

_____. *Garrafada*. MEC, CDFB, Série de Monografias Folclóricas, 1, 1975.

CAMPOS, Eduardo. *Medicina Popular do Nordeste: Superstições, Crendices e Mezinhas*. Edições O Cruzeiro, RJ, 1967.

_____. *Medicina Popular*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1955.

CARVALHO, Affonso Rangel de. *A Cura pelas Plantas*. Editora Folco Masucci. São Paulo, 1972.

CENTRO CULTURAL DO MOBREAL. *Ervas Medicinais*. Ecult.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris, 1980.

CORRÊA, M. Pio. *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas*, vol. IV. Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Rio de Janeiro, 1969.

CRUZ, G.L., *Livro Verde das Plantas Medicinais e Industriais do Brasil*. Belo Horizonte, 1965.

_____. *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

DIAS, Lopes, *Medicina Popular Supersticiosa*. Ação Regional, 1925.

DIAS, Rocha, *Formulário Terapêutico das Plantas Medicinais Cearenses, Nativas e Cultivadas*. 1947.

EDUCAÇÃO E CULTURA, Secretaria de Estado de, *Folclore Fluminense*. Inepac, Divisão de Folclore. 1982.

FONSECA, Crespiano. *Medicina Popular*. Ação Popular, 1928.

FOSSAT, André G. *A Cura pelas Plantas*, 5ª edição. Rio de Janeiro Editora ECO.

FREISE, Frederico W. *Plantas Medicinais Brasileira*. Boletim Agrícola. São Paulo, 1934.

GENTCHUJNICOV, Irina. *Chave Artificial para Identificação das Plantas Daninhas do Estado de São Paulo*. Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas, Departamento de Botânica. Botucatu, SP, 1968.

GONÇALVES, Fernandes. *O Folclore Mágico do Nordeste*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1938.

HOEHNE, F.C. *O que Vendem os Hervanários da Cidade de São Paulo*. São Paulo, 1920.

_____. *Plantas e Substâncias Vegetais Tóxicas e Medicinai*. Gráficas, São Paulo, 1939.

KRUG, Edmundo. *Curiosidade da Superstição Brasileira: moléstias, remédios, curas, etc.* São Paulo, 1938.

LAGES, Filho. *A Medicina Popular em Alagoas*. Bahia, 1934.

LIMA, Ricardo Gomes (elaboração do texto), **FRADE**, Cásia (coordenação geral). *Notas sobre a Medicina Popular Fluminense*. Rio de Janeiro. SEEC/Inepac/Divisão de Folclore, 1978.

LOPES, Pinto. *Um mundo de Mistério e Folclore no Hábito de se Ensinar Remédio*. Diário da Noite. Recife, 9 a 17 de agosto, 1977.

LOYOLA, Maria Andréa. *A Medicina Popular, Saúde e Medicina no Brasil: Contribuição para um Debate*. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1978.

MAGALHÃES, Josa. *Medicina Folclórica*. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza. 1966.

MEIRA PENA. *Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinai*. Rio de Janeiro, 1941.

MELO, Veríssimo de. *Medicina Popular e Desenvolvimento*. RBF, 3 (6) agosto, 1976.

MOTA, Ático Vilas Boas da. *Rezas, Benzeduras etc; Medicina Popular em Goiás*. Goiânia, Oriente, 1977.

NEVES, Guilherme Santos. *Medicina e Folclore*. Of. Escola Técnica Federal do Espírito Santo, Departamento de Imprensa Oficial. Vitória, 1966.

NOVAES, Maria Stella e. *Medicina e Remédios no Espírito Santo*. Departamento de Imprensa Oficial, Vitória, 1964.

PACHECO, Renato José Costa. *Medicina Popular em São Matheus*. Comissão Espírito-Santense. Vitória, 1963.

PECKOLT. *Drogas Vegetais Brasileiras, Cipó-azogue*. Revista Brasileira de Medicina e Farmácia, nº 1 e nº 2, ano IX, s d.

PINTO, P.A. *Noções de Botânica Aplicada à Medicina e Farmácia*, 13ª edição. 1932.

RIBEIRO FILHO, Aníbal. *Medicina Folclórica*. Cadernos de Artes e Tradições Populares. Museu de Arqueologia e Artes Populares, ano II. Paranaguá, Paraná.

RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil Colônia*. Editora Sul Americana. Rio de Janeiro, 1971.

SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem Médica Popula.*, Coleção Baiana, Editora Itapua, 29 vol., Salvador, Bahia, 1970.

SILVA, Valmir A. da. *Medicina Rústica, Tradição e Bebidas da Amazônia*. agosto, 1970.

SOUTO MAIOR, Mário. *Folclore e Sociologia do Sexo no Nordeste Brasileiro: uma Contribuição*. RPF, maio/agosto, 1976.

STUDART, Guilherme Barão de. *Medicina Popular*. Armário Brasileiro Garnier, 1912.

TAVARES, Arnaldo. *Folclore Médico Rural*. Crençices Populares sobre Boubas, 1953.

TEIXEIRA, Fausto. *Medicina Popular Mineira*. Rio de Janeiro, 1954.

UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária. *Estudo Piloto sobre Medicina e Farmacopéia Popular na Região do Trairi*. Natal, 1976.

VIANA, Hildegardes Cantolino. *As Aparadeiras, As Sendeironas e seu Folclore*. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, outubro/dezembro, 1969.

WEITZEL, Antônio H. *A Excretoterapia na Medicina Folclórica*. BCMF - 2(4) maio de 1977.